



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JOELSON FRANCISCO DOS SANTOS

EVASÃO ESCOLAR NA ZONA RURAL DO ABATEDOURO

PICOS-PI

2017

JOELSON FRANCISCO DOS SANTOS

EVASÃO ESCOLAR NA ZONA RURAL DO ABATEDOURO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí-UFPI, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Maria Alveni Barros Vieira.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S237e Santos, Joelson Francisco dos
Evasão escolar na zona rural do abatedouro / Joelson Francisco dos Santos.– 2017.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (48f.)
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

Orientador(A): Prof^ª. Dr^ª. Maria Alveni Barros Vieira.

1. Evasão escolar-Motivo. 2. Aroeiras do Matadouro-PI. I. Título.

CDD 371.295



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e quatro (24) dias do mês de novembro de 2017, às 14h, na sala 827, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a defesa de Monografia de **Joelson Francisco dos Santos** sob o título "Evasão escolar na zona rural do Matadouro".

Banca constituída pelos (as) professores (as):

Dr ^a . Maria Alveni Barros Vieira	Orientadora
Me. Jaaziel de Carvalho Costa	Examinador
Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho	Examinadora

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe média aritmética de 9,5.

Picos (PI) 24 de novembro de 2017.

Orientador: Maria Alveni Barros Vieira
Examinador: Jaaziel de Carvalho Costa
Examinadora: Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho

Dedico este trabalho a todos os alunos da Escola Municipal Antônio Marques pelas batalhas travadas e vencidas no dia-a-dia com o objetivo maior de aprender.

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus que é meu guia e cuida de mim em todas as áreas de minha vida, e constrói em mim a cada dia a vontade de vencer confiando que tenho um Pai que cuida de cada passo que dou, em cada dificuldade, em cada perda em cada vitória.

Dedico também meus sinceros agradecimentos a meus pais Francisco Antônio da Silva e Francilene de Sousa Paula por sempre me apoiarem nos estudos desde criança, me encorajando e dando todo suporte familiar, afeto e confiança que alguém pode receber para querer se tornar uma pessoa de sucesso e um cidadão de bem, amado e que nunca me deixaram me sentir sozinho nessa jornada acadêmica.

Danielle Castro, minha namorada, amiga, noiva e companheira que sempre acreditou em mim em todas as decisões, me deu toda a confiança extra que poderia receber de alguém que realmente ama e cuida de outra pessoa e ainda me deu um “filho de quatro patas”, o Nicko, nosso amor maior. Você foi e vem sendo a melhor companhia que Deus poderia ter me dado e sempre me apoia nas decisões mesmo quando erro pois, ela sempre ajuda a consertar o que deu errado comigo e juntos aprendemos. Muito obrigado por tudo.

A UFPI e todos os professores que estiveram envolvidos na minha jornada acadêmica. Agradeço em especial a minha orientadora Dra. Maria Alveni Barros Vieira por todo o carinho, força, ajuda e dedicação em me ajudar a mostrar minha real intenção no meu trabalho de conclusão de curso que é explanar sobre um assunto tão pertinente e triste que é a evasão escolar. E que foi uma honra ter sido seu aluno desde meu ingresso na UFPI em 2011, como uma das mais brilhantes profissionais que já conheci, com uma simpatia e alegria cativante que tanto admiro e tenho apreço.

Agradeço a meus avós, Luiza Maria dos Santos e Antônio José da Silva que sempre enxergaram em mim uma pessoa batalhadora e que um dia irá vencer na vida através dos estudos. Agradeço também a minha madrinha Raimunda que sempre acreditou em mim e seu falecido esposo e também meu padrinho, Raimundo que era como um segundo pai pra mim e que sempre me disse “Joelson, você um dia vai ser alguém e vai tirar seu pai daquele trabalho pesado por que è inteligente e uma pessoa de bom caráter”. Suas palavras estão comigo para sempre e sim, estou caminhando pra isso e espero que esteja orgulhoso de mim.

Agradeço as minhas irmãs, Maria Luiza e Ana Caroline que sempre estiveram comigo de alguma forma mostrando orgulho e me dando a certeza que sirvo de exemplo pra elas e

também a meu amigo Giannini Damasceno, exemplo de persistência e coragem que me inspira a almejar sempre tudo que puder. E todos os companheiros de turma que a UFPI me deu, em especial Patrícia Leal e seu esposo Diego Leal, meus amigos conselheiros de todas as horas, Viviane Barros que foi uma nova “irmã” que a UFPI me apresentou e a todos que sempre se dispuseram a me ajudar e também se apoiar em mim como braço amigo de todas as horas.

Aprender, é a chave que abre todas as portas
para o mundo.

Egedenny Rodrigues

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo diagnosticar os motivos que promovem o fenômeno da evasão escolar em uma comunidade rural da cidade de Picos (PI), que tem como principal atividade econômica o abate de animais no matadouro municipal. Trata-se de estudo de caso e bibliográfico de abordagem qualitativa que fez uso da história oral e de entrevistas semiestruturadas como técnica e instrumentos de coleta de dados. A análise das narrativas dos membros da comunidade, da diretora da escola e dos ex-alunos revelou serem diversos os motivos para que os jovens abandonem a escola ainda no ensino fundamental, mas que a necessidade de trabalhar, a falta de incentivo do governo e a estrutura familiar são razões preponderantes para a evasão escolar.

Palavras-chave: Evasão escolar. Aroeiras do Matadouro. Motivos.

ABSTRACT

This study aims to diagnose the reasons that promote the phenomenon of school evasion in a rural community of the city of Picos (PI), whose main economic activity is the slaughter of animals in the municipal slaughterhouse. This is a case study and bibliographical study of a qualitative approach that used oral history and semi-structured interviews as a technique and data collection instruments. Analysis of the narratives of community members, the school principal, and alumni revealed that there are several reasons why young people drop out of elementary school, rather than the need to work, lack of government incentive, and family structure are predominant reasons for school dropout.

Key words: School evasion. Aroeiras do Slaughterhouse. Reasons.

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 01: Matadouro Municipal Oscar Neiva Eulálio	27
Imagem 02: Lêda da Costa Luz	28
Imagem 03: Rua Urbano Eulálio Filho	30
Imagem 04: Escola Antônio Marques	33
Imagem 05: Matheus Gomes, esposa e filho	39
Imagem 06: Mariana Félix e sua filha	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO PRIMEIRO.....	15
Evasão escolar	
1.1.A tríade: reprovação, repetência e evasão escolar.....	15
1.2.As principais causas da evasão\fracasso escolar no Brasil.....	17
1.3.Os indicadores do aproveitamento escolar: aprovação, reprovação e abandono....	19
CAPÍTULO SEGUNDO.....	27
A escola do Matadouro	
2.1.O Bairro Aroeiras do Matadouro.....	27
2.2 As mestres - escolas da casa de Dona Tomásia.....	32
2.3. As mestras da Escola municipal Antônio Marques.....	33
CAPITULO TERCEIRO.....	37
Experiências compartilhadas	
3.1. O entendimento da diretora da escola do Matadouro	37
3.2 Experiências de vidas escolares no Matadouro.....	39
3.3. Sem família, sem escola.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

O que faz os jovens educandos que habitam na comunidade Aroeira do Matadouro evadirem da escola? Quais os apelos da sociedade para fazê-los interromperem seus estudos escolares? Essas são as questões norteadoras deste trabalho que tem como objetivo principal diagnosticar os motivos que promovem o fenômeno da evasão escolar em uma comunidade rural da cidade de Picos (PI), que tem como principal atividade econômica o abate de animais no matadouro municipal. Procuramos, especificamente, discutir as principais causas da evasão escolar no Brasil, no Piauí e em Picos; descrever a origem histórica da comunidade em estudo procurando evidenciar suas primeiras práticas de sociabilidade escolar; reconstituir a trajetória de vida de alguns alunos que evadiram-se da escola do Matadouro.

A escolha deste estudo de caso, se deu por ser o Matadouro a região em que habito desde o nascimento, e onde tive a oportunidade de testemunhar a persistência do fenômeno da evasão escolar na comunidade durante anos seguidos entre os amigos mais próximos e parentes. Ademais, as discussões desenvolvidas em várias disciplinas do curso de Pedagogia que de forma direta e indireta abordavam a temática, instigou-me a observar o fenômeno a partir de parâmetros mais científicos.

É fato constatado por vários pesquisadores do tema, que diversos são os motivos que levam a evasão escolar. Autores como Patto (1996), Faria (2017), explicam que o aluno pode deixar a escola por uma sequência de notas baixas, por reprovação, por desânimo com repetência, ou por não ter condições de estudar, tendo que ajudar no sustento da família trabalhando, outras vezes construindo uma nova família, haja vista, muitos jovens terem filhos cedo, comprometendo sua vida escolar.

A opção pelo estudo de caso e bibliográfico de abordagem qualitativa (MINAYO, 2001) revelou-se como adequada, considerando que a nossa intenção seria identificar e analisar as causas possíveis da evasão escolar na comunidade Aroeiras do Matadouro. Assim, para a compreensão do fenômeno fizemos uso da história oral junto aos moradores mais antigos da comunidade Aroeira do Matadouro com a finalidade de reconstruir as origens da localidade através das histórias que guardaram em sua memória (HALBWACHS, 2013), como também lançamos mão de entrevistas semiestruturadas com a diretora da escola e com dois ex-alunos. No que tange ao roteiro de perguntas direcionadas a diretora, este assentou-se em questões de cunho burocrático a saber: o número de evasões na escola no ano de 2017; a existência de programas de incentivo a permanência do aluno na escola; perfil dos alunos evadidos e as

razões apresentadas para a evasão. Quanto ao roteiro de perguntas a serem feitas aos alunos, estas foram organizadas em três vieses:

- 1º. Caracterização sócio escolar;
- 2º. Estrutura familiar;
- 3º. Motivos da evasão escolar.

A escolha dos sujeitos da entrevista deu-se por indicação da própria diretora, sob o critério de que a trajetória de vida escolar desses alunos representava os motivos dos demais ex-alunos da escola, e que por terem saído em data recente estariam favoráveis a ajudar na pesquisa, como de fato aconteceu. As entrevistas com a diretora da Escola Municipal Antônio Marques aconteceu no dia 12 de novembro de 2017 e alunos que evadiram-se da mesma escola foram entrevistados em 15 do mês de novembro de 2017. As entrevistas foram realizadas em suas casas, no Bairro Aroeiras do Matadouro, no horário da tarde, sendo que suas falas foram transcritas.

As análises dos dados coletados foram fundamentadas nos aportes teóricos de Freire (1996), quando afirma que a escola precisa se tornar um espaço plural de valorização de todas as classes sociais e culturas, permitindo aos alunos constituírem-se como sujeitos de suas próprias histórias, sem haver o sentimento de inferioridade às suas origens. Sentimento que muitas vezes impulsiona a evasão escolar.

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos que fazem saber a respeito da evasão escolar em linhas gerais e aprofunda o estudo com uma pesquisa de campo. Assim, no primeiro capítulo, *Evasão escolar*, procuramos diferenciar os termos reprovação, repetência e evasão escolar por serem comumente confundidos nos debates educacionais. Em seguida, elencamos as causas da evasão escolar no Brasil consideradas como principais pelos educadores. Finalizamos o capítulo, apresentando o último censo que aborda os indicadores de aproveitamento escolar no Brasil, no Piauí e em Picos.

O segundo capítulo, cujo título é *A escola do Matadouro*, traz como marca do seu desenvolvimento o caráter histórico educacional da pesquisa ao procurar reconstituir a trajetória da comunidade em estudo com ênfase nas primeiras iniciativas de escolarização das crianças e jovens através da contratação de mestres-escolas. Também é abordada a criação da primeira escola pública da comunidade e suas respectivas professoras municipais.

No terceiro e último capítulo, *Experiências compartilhadas*, apresentamos os dados coletados através das entrevistas semiestruturadas realizadas com a Diretora da escola e com os ex-alunos. Nessa parte do trabalho cuidamos em relacionar, através das histórias de vida que nos foram narradas, as razões que levaram os jovens a evadir do sistema escolar.

Acreditamos que essa pesquisa poderá contribuir para uma reflexão sobre a importância de utilizarmos mecanismos de valorização da cultura rural nos espaços escolares para que sejam amenizados os processos de evasão escolar. De fato esse trabalho não traz uma abordagem inovadora, seu mérito encontra-se no esforço de afirmar que a escola urbana, com professores urbanos, ensinando conteúdos urbanos, precisam compreender e adaptarem o processo educativo à realidade dos alunos que habitam e trabalham na zona rural.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Evasão escolar

1.1 A tríade: reprovação, repetência e evasão escolar

Em suas origens etimológicas, o termo *fracasso* deriva de duas palavras latinas – *fragere* e *quassare* – significando quebrar, ruído, estrondo. Diferentemente, na língua portuguesa, a palavra fracasso refere-se a condição de não realizar metas e atingir os objetivos pré-estabelecidos. Segundo Patto (1996), no âmbito escolar, o fracasso encontra-se associado a não apropriação do aprendizado por parte do aluno culminando muitas vezes, em baixas notas, reprovação e, por fim, no abandono da escola pelo mesmo. Não por acaso, o fracasso escolar vem sendo evidenciado pela *reprovação, repetência e evasão escolar*.

Como uma tríade perpetuada principalmente no caminho das classes populares que matriculam seus filhos nas escolas, a reprovação, a repetência e a evasão escolar encontram-se diretamente relacionadas como as três faces de uma pirâmide social, mas não possuem o mesmo significado. Os parâmetros de coleta de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), especialmente no que tange os indicadores de transição escolar, nos permitem perceber as diferenças práticas que os termos representam e acrescentam mais uma situação, o abandono:

Reprovação - é uma decisão da escola/sistema educacional que configura como o ato ou efeito de reprovar, discordar, não aceitar como apto ou digno;

Repetência - é uma decisão do aluno, ou de sua família, que volta a cursar a mesma série ou disciplina escolar por força do ato burocrático causado pela reprovação;

Abandono - reflete um aluno que desistiu naquele ano escolar;

Evasão - reflete um aluno que sequer se matriculou na série.

No entendimento de Faria (2017) o mais cruel desses episódios se revela por meio da evasão escolar:

O estudante, infelizmente, pode evadir sem nem ao menos repetir a série ou ano, veja o caso daquele que assim o faz diante do resultado ou da reprovação. Há, também, aquele que desanimado pelas inúmeras repetências acaba evadindo da escola como maneira de evitar o doloroso processo da não aprendizagem. Portanto, a reprovação pode obrigar a repetir e depois causar a evasão, bem como a reprovação pode levar direto à evasão sem que haja repetência. (FARIA, 2017, p.01).

Infelizmente nos acostumamos com esses termos e naturalizamos suas existências. Fato que nos leva a questionar em qual momento os educadores brasileiros começaram a discutir

sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos e sobre o abandono da escola por parte dos mesmos.

No período histórico em que o Brasil foi colônia de Portugal (1500-1822), a evasão escolar parece não configurar, como uma das questões que clamasse por políticas de Estado. Em estudos acerca da educação colonial Cardoso (2004) afirma que a socialização de crianças e jovens por uma forma escolar não era compreendida e nem reclamada como um direito de todos. Não existia uma política nacional de educação que estivesse voltada para a inclusão de todas as crianças, jovens e adultos na escola.

Na verdade, naquele período as formas de organização escolar em seu relacionamento com o tempo, com o espaço escolar e com o processo de avaliação da aprendizagem eram variados e bastante flexíveis. Menezes (1999) e Ribeiro (1981) observam, que embora a educação jesuítica, previsse uma ordenação de tempo escolar e da estrutura dos níveis de ensino (estudos elementares e depois as sete classes dos estudos gerais), nenhuma classe de estudos tinha correspondência com ano escolar, ou seja, o ritmo de aprendizagem do aluno determinava o tempo de mudanças de classe.

A vida escolar de crianças e jovens não seguia o ritmo de promoções anuais e de exames destinados a verificar a assiduidade do estudante e afastá-lo em caso de mau resultado. O tempo de entrar e sair da escola funcionava conforme próprios desejos e ambições e recursos financeiros das famílias. Segundo Bittencourt (2008), mesmo no século XIX, quando assistimos uma maior organização dos conteúdos escolares por classe e o estabelecimento de uma faixa etária considerada apropriada para meninos (7 aos 12 anos) e meninas (7 aos 10 anos) frequentarem as escolas elementares acerca dos saberes escolares, o tempo de permanência da criança em uma classe não correspondia, necessariamente, ao ano escolar.

O avanço, ou não, dos alunos nos conhecimentos escolares ficava inteiramente sob o arbítrio dos professores. Uma mesma criança poderia ter seus rendimentos escolares classificados pelos professores em níveis diferentes (5ª classe de leitura, 3ª classe de aritmética, 4ª classe de escrita). Portanto um aluno poderia completar seus estudos em um número menor de anos do que o número de classes, ou se estender por muitos outros em caso de reprovações. A “evasão” não era discutida, vista até com naturalidade.

O Brasil passou por longo período sem que houvesse uma preocupação com organização temporal da escolarização definida, minimamente, para todo o território nacional, o que irá ocorrer apenas no avançar do século XX com a institucionalização da organização escolar por uma forma seriada. Segundo Augusto (2010), o princípio que orienta a concepção

da organização escolar seriada é o da aquisição dos conhecimentos, historicamente acumulados, concebidos como sequenciais e não articulados. Nesse modelo de escola,

O conhecimento é ordenado, segundo os graus de dificuldades, em conteúdos escolares, que se constituem nos programas de ensino de cada série escolar. Os programas são desenvolvidos em forma de planos de curso a serem lecionados pelos professores, durante o ano letivo. Nessa forma de organização escolar, os alunos são agrupados em séries, geralmente anuais, segundo seu nível de domínio dos conhecimentos dos conteúdos escolares. O sistema de avaliação da aprendizagem na organização seriada é, geralmente, a progressão regular por séries, prevendo a verificação do rendimento escolar, tanto ao longo do ano letivo, como ao seu final, quando os alunos devem comprovar as aprendizagens através dos exames e provas. Os que não logram êxito nas avaliações são retidos e devem repetir as séries já cursadas. (AUGUSTO, 2010, p. 01).

Analisada pelos educadores como uma organização escolar excludente, em razão dos altos índices de reprovação e evasão na Educação Básica, a estrutura seriada passou a ser confrontada com outra modalidade de organização escolar em ciclos, a funcionar na rede pública do país, no início da década de oitenta. Não por acaso, ficou estabelecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96), que a Educação Básica poderá organizar-se em séries anuais, assim como em outras formas, tais como ciclos, grupos não seriados, alternância regular de período de estudos e outros critérios de organização, sempre de acordo com o interesse do processo de ensino. Todavia, independente da organização escolar os altos índices de evasão teimam em permanecer no cenário educacional brasileiro.

1.2 As principais causas da evasão\fracasso escolar no Brasil

Entre os anos de 1850 a 1930, as explicações dadas ao fracasso escolar no Brasil estavam baseadas nas teorias racistas. Os colonizadores percebiam a população que habitava no Brasil colonial, principalmente o a população negra e mestiça como seres inferiores intelectualmente.

Patto (1996) nos explica que as teorias racistas estavam fundamentadas na teoria evolucionista de Darwin, cuja obra principal, *Origem das Espécies* foi publicada em 1859. A teoria de Darwin da seleção natural, difundia a ideia de raças superiores e inferiores exercendo forte influência sobre a escola e a escolarização da população brasileira. Por esse tempo, a reprovação e a evasão escolar era justificada em função das raças, assim os alunos que fracassassem na escola seriam considerados como *raças inferiores*, ou seja, não estariam

habilitados a prosseguir em seus estudos já que suas capacidades individuais não lhes possibilitava esta continuidade.

O emergente processo de industrialização instaurado no país à partir da década de 1930 até a década de 1960 demandava políticas educacionais que assegurassem uma educação moderna colocando o aluno no centro das ações escolares. Nesse contexto, as crianças que não acompanhavam seus colegas na aprendizagem escolar passaram a ser designadas como “*anormais*” e as causas de seu fracasso eram procuradas em alguma anormalidade orgânica-biológica cuja matriz ideológica encontrava-se amparada nos estudos do médico e psicólogo suíço Edouard Claparède.

Paula e Tfouni (2009) observam que nesse período, destacou-se a influência da Psicologia Diferencial e os testes de QI adquiriram grande peso nas decisões dos educadores quanto aos alunos. Baseada na análise das diferenças de desempenho existente entre os indivíduos na sociedade, explicava o fracasso escolar a partir das diferenças individuais entre as crianças. Tais diferenças, no caso, podiam ser problemas físicos e sensoriais, intelectuais e neurológicos, emocionais e de ajustamento.

Posteriormente, entre os anos de 1960 e 1970, as análises sobre os motivos da repetência e evasão escolar deslocam-se das habilidades individuais dos alunos para a família e para o ambiente. É o que Patto (1996) denomina de as teorias da *carência cultural* e da *diferença cultural*. A teoria da carência cultural postula que o fracasso escolar ocorre devido à deficiência ou privação cultural do aluno em decorrência das suas precárias condições de vida. Para a teoria da diferença cultural, as razões do fracasso escolar estariam nas diferenças entre os padrões culturais da classe média (nos quais se baseiam os programas educacionais e escolares) e aqueles apresentados por crianças de famílias pobres. Aqui a criança que reprovava e/ou evadía da escola passou a ser designada de “**criança problema**”.

Convém ressaltar que na década de 1960 ocorre o esgotamento do modelo de educação proposto pelo escolanovismo, e emerge a Tendência Tecnicista de base produtivista que defende a escolarização da sociedade como estratégia para acelerar o processo econômico. Para Saviani (2005), essa perspectiva economicista da educação colocará a evasão escolar no centro dos debates educacionais, afinal de contas quando o aluno desiste da escola ele proporciona um custo alto para os cofres públicos e um prejuízo para a economia nacional. Era preciso combater essa prática, assim entendiam os governantes do período.

Quando adentramos na década de 1980, especialmente após o fim da ditadura militar no Brasil, foi possível assistir a mobilização dos educadores a favor de uma educação pública de qualidade que cuidasse não apenas do ingresso das crianças e jovens na escola, mas da sua

permanência. No entanto, o projeto de LDBEN aprovado em 1996 não correspondia às aspirações dos educadores e constituiu-se numa forma de articular a educação aos designios da lógica mercantil. No entendimento de Shiroma et. all (2002), os motivos da evasão\fracasso escolar continuam centradas no aluno, na sua *falta de habilidades e competências*, na sua **incapacidade de aprender a aprender**.

Assim, ao analisar o problema da evasão escolar, devemos ter o cuidado de não procurar culpados no aluno, na família ou no professor, mas analisar as condições concretas de trabalho na escola, as políticas educacionais, como também o contexto social. Pensar e planejar um modelo de escola que possa atender as diferentes necessidades e condições objetivas de vida daqueles que se propõem a frequentá-la, pode ser uma saída para minimizar os números que representam a evasão escolar no Brasil.

1.3 Os indicadores do aproveitamento escolar: aprovação, reprovação e abandono

Nos dias atuais, a evasão escolar tornou-se um grande desafio para o sistema educacional brasileiro forjando a implementação de programas e projetos educativos que, se não solucionam, ao menos procuram amenizar a problemática. E nesse sentido os educadores desenvolvem pesquisas coma finalidade de identificar as possíveis causas da evasão escolar.

De fato, elas são variadas e podem estar vinculadas às condições socioeconômicas, culturais, geográficas ou mesmo às questões referentes aos encaminhamentos didáticos – pedagógicos e a baixa qualidade do ensino das escolas no Brasil. Geralmente, a evasão dos alunos, é registrada como maior frequência nos anos iniciais do ensino fundamental (1ª a 4ª séries) e tem como causas possíveis a distância da escola, doenças, falta de adulto para conduzir as crianças até à instituição de ensino, falta de interesse pelos conteúdos escolares e dificuldades de aprendizagem. Da 5ª a 8ª série e no ensino médio as razões para a evasão escolar são os mesmos, a saber: necessidade de ajudar nas atividades domésticas da família, necessidade de trabalhar fora no ambiente comercial, falta de interesse pela escola e até a proibição dos pais de ir à escolas, o que fere a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB9394/96) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Geralmente essas informações são obtidas em pesquisas realizadas por educadores, através de um contato mais direto com os alunos que se evadiram da escola. Da parte dos órgão oficiais do governo, os dados são obtidos através do **Censo Escolar da Educação Básica**: uma pesquisa realizada anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em articulação com as Secretarias Estaduais de educação

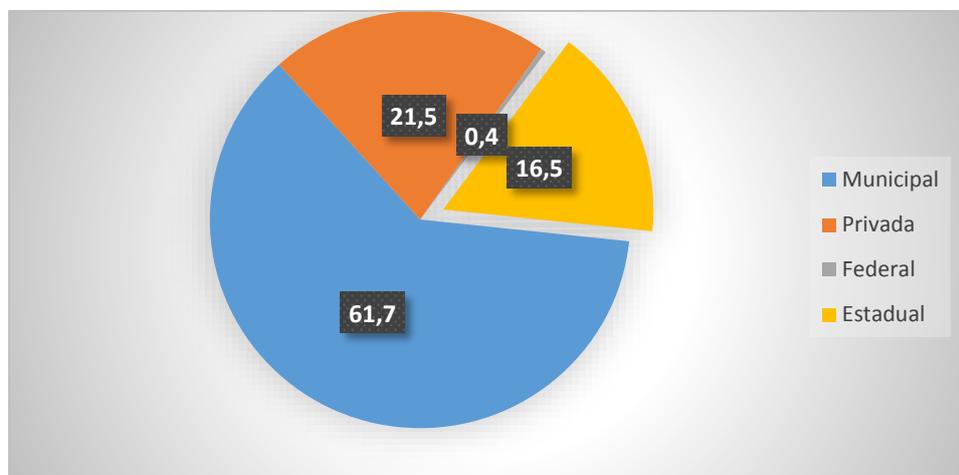
das 27 unidades da federação, sendo obrigatória aos estabelecimentos públicos e privados de educação básica, conforme determina o art. 4º do Decreto nº 6.425/2008.

Trata-se de um amplo levantamento de dados sobre a educação básica no País cujas informações coletadas subsidiam o Ministério da Educação (MEC) para a formulação, monitoramento e avaliação de políticas e para a definição de programas e de critérios para a atuação supletiva às escolas, aos estados e aos municípios. Também subsidia o cálculo de vários indicadores, dentre eles o de aprovação, reprovação e abandono.

Devemos aqui esclarecer que os dados obtidos no Censo Escolar da Educação Básica apresenta apenas o número total de aprovados, reprovados e abandono anual sem os dados segmentados necessários para realizar os cálculos de Evasão. Entendemos, pois, que para obtermos informações concretas acerca da evasão escolar, devemos recorrer às instituições de ensino e verificar se a escola trabalha com o dado individualizado do próprio aluno, permitindo medir com exatidão a evasão até do indivíduo, que vai além do abandono. Tentaremos apresentar esse procedimento investigativo no próximo capítulo, por enquanto trabalharemos com os dados que o governo federal compila, interpreta e utiliza na formulação de suas políticas públicas.

Conforme o resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2016, o Brasil conta com 186,1 mil escolas. A maior rede de educação básica do País está sob a responsabilidade dos municípios, concentrando cerca de 2/3 das escolas (114,7mil) enquanto a participação das escolas da rede privada passou de 21,1% em 2015 para 21,5% em 2016.

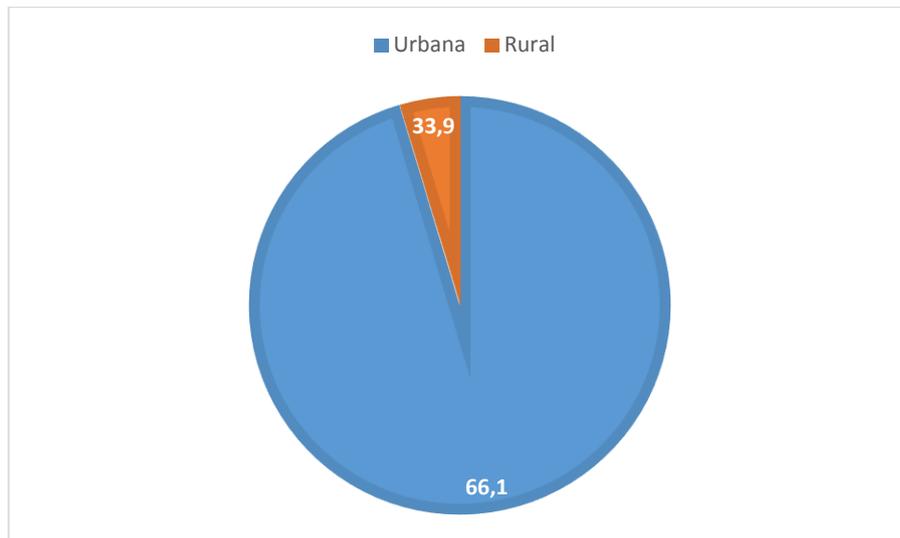
Gráfico 01: Percentual de escolas de educação básica por dependência administrativa - Brasil 2016



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (2016)

No que tange a zona de localização da escola, o Censo Escolar 2016, revela que a maioria absoluta das escolas de educação básica encontram-se localizadas na zona urbana como podemos observar no gráfico abaixo.

Gráfico 2. Percentual de escolas de educação básica por localização



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (2016)

Do total de escolas de educação básica existentes no Brasil (132,7mil), 71,3% oferecem alguma etapa do ensino fundamental. Dessas, 116,3 mil oferecem os **anos iniciais** e 52,3% das escolas que oferecem anos iniciais são urbanas; 71,2% das escolas são municipais, 10,3% estaduais e 18,5% privadas. Vale salientar que 19,9 mil escolas que oferecem anos iniciais têm apenas um docente atuando nessa etapa. Quase a totalidade dessas escolas encontra-se na zona rural (95,1%). Os números referentes às matrículas de anos iniciais apontam que 41,2% das escolas têm até 50 matrículas e apenas 3,7% têm mais de 500. É possível observar que as escolas com mais de 500 matrículas de anos iniciais localizam-se, predominantemente, na zona urbana (98,4%).

Em relação as escolas que oferecem **anos finais do ensino fundamental** a proporção é de quase duas escolas de anos iniciais (116,3 mil) para cada escola de anos finais do ensino fundamental (62,5 mil). 47,2% das escolas de anos finais do ensino fundamental são municipais, 31,7% estaduais e 21% privadas. Quanto a localização, 69,9% das escolas que oferecem os anos finais estão na zona urbana. As notas estatísticas do censo escolar 2016 indicam que 20,0% das escolas têm até 50 matrículas nessa etapa e 7,3% têm mais de 500; as

escolas com mais de 500 matrículas nessa etapa localizam-se, predominantemente, na zona urbana (98,5%).

O ensino médio é oferecido em 28,3 mil escolas no Brasil sendo que 68,1% das escolas de ensino médio são estaduais e 29,2% privadas. A União e os municípios participam com 1,8% e 0,9%, respectivamente. Um dado importante diz respeito a localização das escolas de ensino médio: 89,8% estão na zona urbana e 10,2% na zona rural, trata-se da menor participação da zona rural em toda educação básica. 205 escolas (0,7%) funcionam em estabelecimentos de apenas uma sala de aula e a maioria das escolas com essa organização espacial (65,9%) são urbanas; Em relação as matrículas 12,4% das escolas têm até 50 matrículas nessa etapa e 16,9% têm mais de 500 – maior percentual dentre as etapas avaliadas. Em ambos os casos, há predomínio de escolas urbanas: 74,2% e 98,6%, respectivamente.

De uma maneira geral, o censo escolar 2016, registra a existência 48,8 milhões de matrículas nas 186,1 mil escolas de educação básica no Brasil, sendo que a rede municipal detém 46,8% das matrículas na educação básica, a rede estadual tem 16,5% das escolas, mas participa com 34,0% da matrícula da educação básica, enquanto a rede privada tem uma participação de 18,4% no total de matrículas na educação básica. A rede federal tem uma participação inferior a 1%.

Tabela 01: Sumário da matrícula na educação básica – Brasil 2016

Região	Total	Dependência administrativa				Localização	
		Federal	Estadual	Municipal	Privada	Urbana	Rural
Brasil	48.817.479	392.565	16.595.631	22.846.182	8.983.101	43.236.458	5.581.021
Norte	5.030.223	40.702	1.819.797	2.700.087	469.637	3.858.248	1.171.975
Nordeste	14.325.245	115.315	3.456.604	8.256.825	2.496.501	11.264.033	3.061.212
Sudeste	19.350.189	132.210	7.160.405	7.841.064	4.216.510	18.654.372	695.817
Sul	6.468.176	69.012	2.556.387	2.722.869	1.119.908	6.062.849	405.327
Centro-oeste	3.643.646	35.326	1.602.438	1.325.337	680.545	3.396.956	246.690

Fonte: MEC/Inep (2016)

Ao final de cada ano letivo, gestores das escolas de ensino fundamental do Brasil, cuidam em verificar a proporção dos alunos matriculados em relação aqueles que foram aprovados, reprovados ou abandonaram os estudos Uma destes números consistem nas taxas de rendimento cuja fórmula se configura na seguinte equação:

$$\text{Aprovação} + \text{Reprovação} + \text{Abandono} = 100\%$$

A proporção de alunos com reprovação ou abandono em 2016 segundo indicadores do INEP nas redes de escolas públicas e privadas, situadas na zona urbana e rural, é conforme o registrado no gráfico abaixo:

Gráfico 03: Taxa de rendimento no **Brasil** por etapa escolar

Anos Iniciais	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EF	1,3% 37.270 reprovações	0,9% 25.803 abandonos	97,8% 2.803.847 aprovações
2º ano EF	2,5% 74.688 reprovações	0,6% 17.925 abandonos	96,9% 2.894.883 aprovações
3º ano EF	10,7% 352.355 reprovações	0,9% 29.638 abandonos	88,4% 2.911.043 aprovações
4º ano EF	7,2% 228.931 reprovações	1,1% 34.976 abandonos	91,7% 2.915.691 aprovações
5º ano EF	6,8% 211.820 reprovações	1,2% 37.380 abandonos	92,0% 2.865.795 aprovações
Anos Finais	Reprovação	Abandono	Aprovação
6º ano EF	14,0% 478.964 reprovações	3,2% 109.478 abandonos	82,8% 2.832.728 aprovações
7º ano EF	12,1% 385.062 reprovações	3,0% 95.470 abandonos	84,9% 2.701.798 aprovações
8º ano EF	10,2% 288.771 reprovações	3,0% 84.933 abandonos	86,8% 2.457.383 aprovações
9º ano EF	8,6% 242.078 reprovações	3,1% 87.261 abandonos	88,3% 2.485.518 aprovações
Ensino Médio	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EM	17,3% 516.715 reprovações	8,6% 256.864 abandonos	74,1% 2.213.210 aprovações
2º ano EM	10,7% 260.756 reprovações	6,1% 148.655 abandonos	83,2% 2.027.555 aprovações
3º ano EM	6,0% 129.115 reprovações	4,3% 92.533 abandonos	89,7% 1.930.267 aprovações

Fonte: Censo Escolar 2016, Inep. Classificação não oficial.

Observando os índices acima elencados e estabelecendo uma relação possível entre o abandono do ano escolar e a possibilidade deste se transformar em índice de evasão escolar aprendemos que nos anos iniciais do ensino fundamental o maior índice de abandono escolar encontra-se no 5º ano (1,2%), enquanto nos anos finais o abandono concentra maiores índices no 6º ano (3,2%). No ensino médio maior taxa de abandono pertence ao 1º ano (8,6).

Em nível estadual, o quadro do Piauí em relação ao quadro nacional indica uma diferença nos percentuais mas resguarda o problema do abandono escolar para as mesmas séries, a saber: nos anos iniciais do ensino fundamental os maiores índices de abandono empatam em dois anos subsequentes – 4º (1,9%) e 5º (1,9). Nos anos finais o maior índice de abandono escolar situa-se, assim como em nível nacional, no 6º ano (4,3%). Com relação ao ensino médio, os maiores índices de abandono concentram-se, a exemplo dos índices nacional, no 1º ano (12,6%).

Comparando-se somente os índices, os números equivalentes ao abandono escolar no Estado do Piauí, superam aqueles apresentados em nível nacional. O gráfico abaixo relacionando os índices de abandono escolar no Piauí, comprovam as nossas afirmações:

Gráfico 04: Taxa de rendimento no **Piauí** por etapa escolar

Anos Iniciais	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EF	2,7% 1.329 reprovações	1,2% 591 abandonos	96,1% 47.290 aprovações
2º ano EF	4,1% 2.177 reprovações	1,1% 584 abandonos	94,8% 50.320 aprovações
3º ano EF	16,8% 10.311 reprovações	1,6% 982 abandonos	81,6% 50.081 aprovações
4º ano EF	14,0% 8.534 reprovações	1,9% 1.159 abandonos	84,1% 51.264 aprovações
5º ano EF	11,1% 6.449 reprovações	1,9% 1.104 abandonos	87,0% 50.543 aprovações
Anos Finais	Reprovação	Abandono	Aprovação
6º ano EF	19,0% 11.852 reprovações	4,3% 2.683 abandonos	76,7% 47.841 aprovações
7º ano EF	14,4%	3,9%	81,7%

	7.959 reprovações	2.156 abandonos	45.155 aprovações
8º ano EF	10,8% 5.322 reprovações	3,6% 1.774 abandonos	85,6% 42.182 aprovações
9º ano EF	7,2% 3.435 reprovações	3,3% 1.575 abandonos	89,5% 42.697 aprovações
Ensino Médio	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EM	13,6% 6.510 reprovações	12,6% 6.032 abandonos	73,8% 35.326 aprovações
2º ano EM	7,8% 3.122 reprovações	9,9% 3.963 abandonos	82,3% 32.940 aprovações
3º ano EM	3,5% 1.247 reprovações	7,4% 2.636 abandonos	89,1% 31.732 aprovações

Fonte: Censo Escolar 2016, Inep. Classificação não oficial.

Abordando os índices de abandono escolar nas instituições de ensino pertencentes a municipalidade de Picos (PI), temos um quadro com índices de abandono que supera, em muito, tanto os níveis estaduais como nacionais. Nos primeiros anos do ensino fundamental, por exemplo, o maior índice, que corresponde à 3,0% encontra-se registrado no 1º ano. Nos anos finais, o maior índice, 5,9%, fica registrado no 6º ano enquanto o 1º ano do ensino médio resguarda uma alta taxa de 13,8% de abandono.

Gráfico 05: Taxa de rendimento em **Picos** por etapa escolar

Anos Iniciais	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EF	6,1% 77 reprovações	3,0% 38 abandonos	90,9% 1.136 aprovações
2º ano EF	4,8% 57 reprovações	0,9% 11 abandonos	94,3% 1.118 aprovações
3º ano EF	17,3% 241 reprovações	2,5% 35 abandonos	80,2% 1.115 aprovações
4º ano EF	13,0% 171 reprovações	1,7% 23 abandonos	85,3% 1.120 aprovações
5º ano EF	7,4% 82 reprovações	1,8% 20 abandonos	90,8% 998 aprovações

Anos Finais	Reprovação	Abandono	Aprovação
6º ano EF	9,9% 130 reprovações	5,9% 78 abandonos	84,2% 1.103 aprovações
7º ano EF	8,2% 96 reprovações	4,4% 52 abandonos	87,4% 1.023 aprovações
8º ano EF	7,2% 91 reprovações	3,7% 47 abandonos	89,1% 1.115 aprovações
9º ano EF	6,0% 72 reprovações	3,8% 46 abandonos	90,2% 1.069 aprovações
Ensino Médio	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EM	10,0% 126 reprovações	13,8% 173 abandonos	76,2% 955 aprovações
2º ano EM	7,7% 84 reprovações	7,8% 85 abandonos	84,5% 916 aprovações
3º ano EM	1,8% 19 reprovações	8,8% 90 abandonos	89,4% 911 aprovações

Fonte: Censo Escolar 2016, Inep. Classificação não oficial.

Como dito anteriormente, por esse conjunto de informações obtidas através do Censo Escolar 2016, não é possível vislumbrar em seus detalhes informações concretas acerca da evasão escolar. Para tanto, devemos recorrer às instituições de ensino e verificar se a escola trabalha com o dado individualizado do próprio aluno, permitindo medir com exatidão a evasão até do indivíduo, que vai além do abandono. É o que pretendemos realizar no próximo capítulo.

CAPÍTULO SEGUNDO

A escola do Matadouro

2.1 O Bairro Aroeiras do Matadouro

Através da colaboração de moradores do Bairro Aroeiras da Matadouro mostra-se possível contar sua história, tendo em vista que não possui um documento ou arquivos que comprovem a origem de seu nome ou o porque de sua fundação. A abordagem acerca de sua história é importante ao passo que se busca falar sobre a evasão na Escola Municipal Antônio Marques, ali localizada.

Assim, o capítulo conta com os depoimentos de moradores que fizeram parte da história do Bairro e que por isso têm propriedade para falar de sua origem, bem como ajudar a conhecer suas características atuais. O capítulo, portanto, tem um forte apelo a memória e o que essas pessoas decidiram lembrar e compartilhar para a elaboração do trabalho.

No seu clássico livro, *A Memória Coletiva* (2013), Maurice Halbwachs defendeu a tese de que a lembrança individual só ganham sentido no coletivo. Isso porque ela é construída a partir do convívio social do indivíduo com outras pessoas. Dessa forma, a confiança que temos na exatidão dos relatos memorialistas de uma pessoa será maior, quando constatado que outras pessoas viveram os mesmos acontecimentos e se lembram deles com certa similitude. É nesse sentido que procuramos nessa parte do trabalho “colher as memórias” dos moradores mais antigos do Bairro em estudo a fim de identificar suas origens e seu desenvolvimento ao ponto de ter uma escola, uma narrativa que será enriquecida com fotografias.

Como de conhecimento geral, os matadouros eram, no Brasil, considerados espaços prioritários para o abate de animais destinados ao consumo da população. Nos abatedouros de outrora, os animais eram mortos a céu aberto, tornando os ares das redondezas mal cheirosos, atraindo predadores e causando doenças. Assim era o matadouro municipal de Picos quando transferido no ano de 1970 para o povoado de Aroeiras. Segundo explicações do Sr. Paulo Afonso da Silva, morador da localidade e ex-presidente da associação de moradores do bairro, a origem do nome Aroeiras se deu pelo fato de que haviam muitas árvores com esse nome no entorno do Rio Guaribas e o restante do nome, Matadouro, seria acrescentado após a inauguração do matadouro municipal que havia sido transferido da cidade de Picos para o povoado Aroeiras no ano de 1970, no governo de Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues.

Imagem 01: Matadouro Municipal Oscar Neiva Eulálio



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017).

Para que o Bairro surgisse foi necessário gente disposta a erguê-lo e tudo começou com o primeiro morador do local que foi o Sr. Benedito Neiva o mesmo tomou posse de algumas terras na comunidade que mais tarde seriam vendidas a criadores de gado e agropecuaristas, então mudou-se para estas terras ao passo que dava inicio ao povoamento do lugar, é o que conta o Sr. Paulo Afonso.

Assim, o Sr. Benedito Neiva foi o primeiro a perceber o valor das terras de Aroeiras do Matadouro, mas logo outras pessoas sentiram-se atraídas pelas condições do local. Após perceberem que as terras da Comunidade eram cercadas por matas de Aroeira e ótima produtora também de algodão, mais pessoas se sentiram atraídas pelo potencial da

comunidade e de suas terras para esse local mudaram-se e em seguida formaram o aglomerado de pessoas e famílias que fundaram a comunidade Aroeiras do Matadouro.

A Comunidade tinha suas peculiaridades, a mesa era banhada pelo Rio Guaribas em toda a sua extensão, as matas de Aroeira, a produção de algodão fizeram com que a comunidade fosse bem vista aos olhos de quem a observava que chegava por lá e se instaurava, de modo que foi atraindo cada vez mais pessoas e com a inauguração do Matadouro municipal em 1970 a comunidade tornou-se espaço de moradia de muitas famílias.

Conforme o depoimento da senhora Lêda da Costa Luz, no período do seu povoamento Aroeiras do Matadouro mostrava-se como um lugar tranquilo, próspero, adequado para quem quisesse estabelecer uma boa morada, construir trajetórias de vidas em um contexto rural\urbano. Esta senhora, foi uma das primeiras moradoras do Bairro, tendo sido uma figura de grande destaque no local pela carreira política de sua família e dela própria, assim como pelo empreendedorismo do marido Carlos da Costa Neves.

Imagem 2: Lêda da Costa Luz



Fonte: <http://www.webpiaui.com.br>.

Lêda Luz, que também era figura política, tendo sido vereadora do município de Picos na década de 1970 exercendo 02 (mandatos) no cargo e também já se candidatou a deputada estadual, embora não tenha chegado a concorrer nas eleições. Casada com o falecido empresário Carlos da Costa Neves, o “Rená”, que foi um dos pioneiros em farmácia de medicamentos em Picos, proprietário da então fechada “Farmácia do Povo” em frente à praça que recebe o nome de Justino Luz.

Lêda Luz, como é conhecida, foi uma das primeiras moradoras do Bairro Aroeiras do Matadouro onde reside até hoje. Motivada pela tranquilidade e pelas terras boas e produtivas locais, a filha do ex prefeito de Picos, Justino Luz, veio morar no Bairro Aroeiras do Matadouro onde possui boa parte das terras que entornam a comunidade e também extensas propriedades usadas para criação de gado por agropecuaristas.

Através dos depoimentos de Lêda Luz e Sr. Paulo Afonso, podemos compreender que a instauração na Comunidade do Matadouro Municipal Oscar Neiva Eulálio que atendia e recebia todo o gado da macrorregião de Picos para abate e compra e venda de gado, foi importante para o desenvolvimento da comunidade, embora a atividade tenha feito com que muitos agricultores deixassem a agricultura de lado e se dedicassem a pecuária.

Com a chegada do Matadouro Municipal Oscar Neiva Eulálio na comunidade, os pequenos agricultores que produziam alho, batata, cebola, entre outros nos entornos do Rio Guaribas passaram a investir na criação de gado bem como na compra e venda destes animais, o que extinguiu aos poucos as atividades agrícolas no local. Com a criação do matadouro municipal, a comunidade passou a atrair pessoas de povoados vizinhos que vinham em busca de oportunidade de emprego no matadouro ou mesmo como vaqueiros dos criadores de gado que existiam na região.

Sobre as condições atuais do Bairro Aroeiras do Matadouro salienta-se que este conta atualmente com uma boa estrutura física, possui posto de gasolina, Escola Municipal, Igreja e pavimentação asfáltica na sua rua principal, a Urbano Eulálio Filho, que liga o município de Picos ao Povoado Torrões. Antes do asfalto, a comunidade já abrigava parte dos moradores que hoje residem por lá, mas após a pavimentação, ainda no Governo de ex-prefeito José Neri de Sousa, em meados de 2004, houve um aumento populacional considerável. De forma que população vem aumentando gradativamente, o que aumenta a exigência de saneamento básico, e serviços públicos básicos que ainda são muito precários na comunidade.

Imagem 03: Rua Urbano Eulálio Filho



Fonte: Acervo do autor, 2017.

A foto nos ajuda a conhecer um pouco do Bairro de Aroeiras do Matadouro na atualidade, pavimentada a mesma conta com casas bem estruturadas, luxuosas, em contraste com moradias simples, mostrando que, assim como os demais bairros, possui pessoas de diferentes níveis sociais, condições de vida diferentes, mas que têm suas histórias entranhada no bairro e em suas especificidades.

Destarte, em decorrência de uma documentação mais consistente, os relatos aqui narrados é o que se pode contar a respeito da origem e desenvolvimento do Bairro Aroeiras do Matadouro, são informações retiradas das lembranças de alguns de seus moradores que resolveram contar um pouco de suas vivências para que pudéssemos construir esse estudo que tem como tema principal a evasão escolar na Zona Rural de Picos, onde adotamos como espaço de investigação a escola Municipal Antônio Marques.

2.2 As mestres - escolas da casa de Dona Tomásia

O histórico da educação escolar de crianças e jovens em Aroeiras do Matadouro, nos remete a atuação de mestres ambulantes, dos mestres-escolas, ou seja, de pessoas que andavam pelas casas ensinando a quem os pagasse. Os moradores da Comunidade, Sr. Paulo Afonso e Lêda da Costa Luz contam que antes da criação de uma escola pública na comunidade, as pessoas em idade escolar, que na época variavam entre 12 e 17 anos de idade na região, se reuniam na casa da “Dona Tomásia” uma antiga moradora do bairro Aroeiras do Matadouro, já falecida, que cedia o espaço de sua casa para que mestres ambulantes ensinassem a ler e escrever.

Mesmo em condições precárias e com falta de matérias didáticos, que eram muito pouco acessíveis na época, as aulas aconteciam a contento da população local. Os mestres, quando podiam, doavam os materiais de ensino para os alunos e os mesmos não recebiam remuneração ou mesmo incentivo municipal ou estadual para o exercício da atividade e também, não possuíam formação pedagógica ou mesmo de 2º grau completo.

Os mestres-escolas, que destacam-se no cenário educacional brasileiro dos séculos XVIII e XIX, ainda atravessam o século XX como um dos principais representantes intelectuais da população, apesar das limitações e falhas da sua instrução, pois, em muitos casos, possuíam uma formação escolar que não atingia a conclusão do curso primário, o que levou ao fim da profissão do mestre-escola. Segundo Carvalho (1998), em princípios do ofício, o mestre-escola aparece como agente cultural de uma educação letrada para pessoas pertencente à elite, constituindo-se, enquanto elo de uma cultura oral para uma cultura letrada.

A partir do século XX vai-se construindo um discurso fortemente marcado por um “otimismo pedagógico”, percebendo a expansão do ensino primário como a exigência para a construção de uma nação moderna. Nesse contexto, em que a proposta educacional esteve vinculada à criação de uma identidade nacional, assente na unificação dos currículos e na contratação de professoras normalistas, a presença do mestre-escola vai sendo reafirmada, como parte de um passado distante, mas que teimava em sobre existir em comunidades afastadas dos grades centros econômicos, onde a escola moderna demorava a chegar, exemplo de Aroeiras do Matadouro.

É por essa razão que Dona Tomásia, foi referência na educação de Aroeiras do Matadouro. Ela oferecia o espaço de sua casa para os mestres ambulantes ensinarem as crianças a ler e escrever, mesmo que as condições de ensino fossem bastante precárias. Percebe-se que naqueles tempos a educação ministrada pelos mestres de escolas não era para

as crianças pequenas, ali a instrução começava tardiamente quando o menino e a menina já tinham por volta de seus doze anos. Foram mestres ambulantes desses meninos e meninas, D. Inês Carvalho da Silva moradora da comunidade e já falecida e D. Socorro Gonçalves Silva que além de ensinar a ler e escrever, dava aula de ensino religioso (Catecismo) e foi a primeira diretora da escola estadual Antônio Marques após sua inauguração em março de 1985.

As aulas que funcionavam periodicamente na casa de D. Tomásia, atendiam alunos tanto do bairro Aroeiras do Matadouro quanto de bairros circunvizinhos como Povoado Tapera, Retiro e Capitão de Campos, mas apesar de englobar 4 (quatro) comunidades, era pouco menos de 15 (quinze) o total de alunos pois, logo que alfabetizados meninos e meninas largavam os estudos para ajudar nas tarefas domésticas e no sustento da casa, fosse trabalhando em lavouras de alho, cebola, batata entre outras leguminosas que comumente se plantavam às margens do Rio Guaribas, fosse para trabalharem na lida com o gado que ascendia na época desde a inauguração do Matadouro Municipal Oscar Neiva Eulálio em 1970 na comunidade.

Percebe-se que desde fundado o Bairro Aroeiras do Matadouro, as crianças tinham dificuldade em estudar, pois a maioria com condições de vida bastante precárias deviam ajudar a prover o sustento da família e trabalhavam na lavoura com os pais, assim como, se dedicaram ao trabalho proveniente do Matadouro Municipal Oscar Neiva Eulálio. As investigações realizadas por Campos (2003) a respeito dos fatores que se relacionam com o abandono dos jovens na escola sugerem esses podem ser ilustrados a partir do momento em que o aluno deixa a escola para trabalhar e também por considerarem que a formação escolar que recebem não se dá de forma significativa para eles.

Todavia, apesar da precariedade que se configurava no ensino das mestras ambulantes é preciso reconhecer que os trabalhos delas foram muito importante para as crianças e famílias da Comunidade, pois mesmo que muitas crianças tivesse que trabalhar e não pudessem frequentar as aulas desses mestres e que geralmente só aos 12 anos começava a vida escolar das crianças, foram esses mestres que conseguiram possibilitar o alcance de algum saber pelas crianças antes da fundação de uma escola na localidade.

2.3. As mestras da Escola municipal Antônio Marques

A Escola Municipal Antônio Marques, situada na Rua Urbano Eulálio Filho S/N, no Bairro Aroeiras do Matadouro, Município de Picos-PI. Ocupa um espaço físico de 1.600 m², e

foi construída pelo então governador do estado Hugo Napoleão do Rêgo Neto num espaço cedido pela família de Antônio Marques da Silva, comerciante local que daria também nome a escola Unidade Escolar Antônio Marques. De modo que ao ser fundada a Escola que hoje é municipal configurava-se como estadual.

Imagem 04: Escola Antônio Marques



Fonte: Acervo pessoal do autor.

De estrutura bem simples, assemelhando-se às arquiteturas residenciais da localidade, a Escola de Aroeiras do Matadouro, teve a doação do seu terreno realizada por intermédio de um acordo entre Antônio Marques e o Governador do Piauí a época, Hugo Napoleão. O acordo só foi efetivado após o governador do Estado do Piauí, garantir ao dono do terreno, o sr. Antônio Marques, que após a fundação da escola, suas filhas que estavam cursando ensino superior, poderiam dar aula na mesma e também assumissem a direção da escola e demais cargos administrativos. Tudo sem concurso público.

Após a inauguração, o governador não manteve o acordo porém, a escola continuou funcionando e as “mestres ambulantes” Socorro e Inês foram as primeiras professoras e diretoras da escola. A Sra. Inês Carvalho da Silva foi a primeira Diretora da escola já em 1985. Denota-se que o ensino na região iniciou-se com as mestres ambulantes e que o trabalho das mesmas foi reconhecido na educação local, tanto que foram as primeiras professoras da escola.

Na época da abertura, a escola ofertava ensino fundamental I e II, de 1 a 8 séries com sete turmas nos turnos manhã e tarde atendendo uma faixa de 125 alunos da microrregião. Aproximadamente 6 (seis) anos depois da inauguração da escola, uma das filhas de Antônio Marques, Elisabete Marques da Luz, ingressava como professora de polivalência na escola. Após passar 5 (cinco) anos sendo professora no município vizinho de Itainópolis, foi transferida como professora efetiva da Escola Antônio Marques e assumiu também a sua direção. Logo depois, suas irmãs Elvira Marques da Luz, Rosa de Lino Luz e Evanir Marques da Luz, ingressariam na escola primeiramente como professoras e depois como Diretoras, sendo que todas passaram pelo mesmo percurso na escola.

No ano de 2013, a escola estadual Unidade Escolar Antônio Marques, municipalizou-se e passou a se chamar Escola Municipal Antônio Marques em atendimento tardio a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 que determinava que escolas de ensino fundamental I e II no Piauí devem ser municipalizadas.

Atualmente a escola Municipal Antônio Marques possui 05 (cinco) salas de aula, divididas temporariamente para atender a demanda de alunos da comunidade, com piso de cimento, iluminação e ventilação. Dispõe de sala de professores, e a secretaria e a diretoria funcionam na mesma sala, possui 03 (três) banheiros pequenos, sendo 02 (dois) para uso dos alunos e um para uso do corpo docente, 01 (uma) cantina, 01(uma) dispensa e 01(um) pátio onde são realizadas as atividades comemorativas.

A escola é localizada à margem da estrada que liga o Povoado Torrões ao município de Picos e conta com transporte coletivo municipal para uso de seus alunos e ainda assim, a maior parte dos alunos da comunidade estudam na cidade razão pela qual a escola conta somente com 147 (cento e quarenta e sete) alunos distribuídos nas seguintes turmas:

Maternal (09 alunos);	5° ano (05 alunos);
Pré-Escola I (09 alunos);	6° ano (15 alunos);
1° ano (15 alunos);	7° ano (17 alunos);

2° ano (17 alunos); 3° ano (18 alunos); 4° ano (14 alunos);	8° ano (08 alunos); 9° ano (11 alunos).
--	--

As disciplinas ministradas são: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Inglês, Ensino Religioso, Artes e Educação Física. Atualmente a escola desenvolve 04 (quatro) projetos pedagógicos: Higiene e Saúde, A leitura que está presente no dia-a-dia, Combate às Drogas e à violência. A escola possui um espaço de 1.600 m² mas apenas 297 m² são de área construída para prédio escolar.

No quadro de professores, a escola conta com 19 (dezenove) docentes sendo 18 (dezoito) com nível superior e apenas 01 (uma), que leciona para o 4° ano do ensino fundamental que possui apenas o Curso Normal Superior, os demais possuem especializações e curso superior completo nas suas áreas de atuação dentro da escola.

A escola Municipal Antônio Marques possui um índice de matrículas novas anual entre 12 (doze) e 15 (quinze) alunos ingressantes principalmente no ensino maternal, com baixo número de evasões, cerca de menos de 5% ao ano do total de alunos. No ano de 2016, ocorreu o maior número de evasões dos últimos 5 (cinco) anos, 07(sete) alunos deixaram os estudos antes do 7° ano.

A principal preocupação do corpo docente da escola é com o índice de repetência anual. Somente em 2016, 23 (vinte e três) alunos reprovaram principalmente no 9° ano do ensino fundamental. O capítulo a seguir traz um olhar mais específico sobre a evasão escolar na escola Municipal Antônio Marques, um problema relacionado a conjuntura atual da Comunidade e as suas raízes históricas, que será retratado a partir da voz daqueles que abandonaram a escola.

CAPITULO TERCEIRO

Evasão escolar: experiências compartilhadas

3.1. O entendimento da diretora da escola do Matadouro

O objeto de estudo deste trabalho “Evasão escolar em uma escola da zona rural de picos”, possui uma ligação direta com o Matadouro Municipal, uma vez que boa parte das atividades de matança de gado no local ocorrem a noite e afim de ajudar no sustento da casa muitos jovens ali trabalhavam na limpeza do local, no transporte de vísceras do gado para produção de gordura que é vendida para a indústria de sabão, ainda no transporte de intestino de gado que é usado para produção de comidas típicas nordestinas bem apreciadas e valorizadas na região.

Todas essas atividades envolvendo o Matadouro Municipal acabava por fazer com que os alunos que estudavam no período da manhã se desgastem com o trabalho noturno e tivessem um rendimento indesejado na escola, o que os desencorajava a estudarem até que optassem pela evasão escolar com única saída. A situação atual do ensino em Aroeiras do Matadouro não difere da mencionada anteriormente, os jovens continuam executando atividades ligadas a matança de animais, prejudicando seus estudos e fazendo com que estes, muitas vezes, abandonem a escola.

Embora já explicitado no primeiro capítulo, achamos conveniente esclarecer as relações entre a evasão escolar e o abandono escolar. *Evasão*, segundo Riffel e Malacarne (2010), é o ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entende-se a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade. A diferença entre evasão e abandono escolar foi utilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep (1998). Nesse caso, “abandono” significa a situação em que o aluno desliga-se da escola, mas retorna no ano seguinte, enquanto na “evasão” o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema escolar. Estaremos aqui falando da evasão escolar.

Em entrevista com a diretora da Escola Antônio marques, Sandra Maria Gomes de Sousa Rafael, foi constatado que o ano corrente de 2017 destacou-se com o maior número de evasões dos últimos 5 (cinco) anos, com um total de 13 (treze) alunos que abandonaram os estudos sendo que 6 (seis) desse total eram do 9º ano, ultima serie que antecede o ensino médio. Segundo análises da diretora Sandra Rafael, se comparado com anos anteriores, esse número é alarmante, posto que, os motivos de evasão destes alunos são de diferentes facetas

mas todos atrelados ao histórico da comunidade e acompanhamento defasado e até mesmo inexistente por parte dos responsáveis pelos alunos.

Conforme o depoimento da diretora Sandra Rafael, o abandono escolar preocupa todas as classes sociais e de diferentes regiões e contextos mas, no contexto rural, uma serie de outros fatores agravam ainda mais esta situação. O difícil acesso à escola, a desvalorização da ascensão social através do estudo por parte dos pais que já possuem pouco ou nenhum estudo pelo fato de terem também largado a escola muito cedo para o trabalho na roça ou, no caso da comunidade citada, para o trabalho na pecuária, estende ainda mais as possibilidades de evasão por parte dos alunos que possuem autonomia para o abandono desde que seja para conseguirem um emprego, onde estacionam suas vidas e deixam a escola de lado.

Ademais, o aluno do meio rural possui uma cultura própria que a escola teima em negligenciar a exemplo das diferenças de linguagem, modos de comportamentos, experiências de vida. Esse descaso pode contribuir para a evasão escolar. Como foi salientado por Freire (1996) o reconhecimento dos valores culturais dos alunos e isso é um papel fundamental a ser considerado pela escola para que os alunos tenham vontade de nela permanecerem.

Segundo a diretora Sandra Rafael, a ausência de programas de incentivo a permanência dos alunos na escola como o “Programa Mais Educação” que funcionou na escola e parou de funcionar desde que houve a municipalização da mesma em 2013 , contribui para a evasão, uma vez que programas como esse oferecem oficinas de capoeira e artes cênicas, matemática, xadrez entre outros, que conseguiam voltar a atenção dos alunos não apenas para a educação em sentido formal , mas também para o aprendizado e incentivo as diferentes potencialidades que os alunos apresentam.

Na opinião da diretora, os programas de incentivo a permanência do aluno na escola reforçam a grade escolar e também propicia aos responsáveis pela instituição, capacitação profissional dos professores e uma melhor relação escola-comunidade, uma vez que as pessoas da comunidade bem como os pais dos alunos passam a se envolver nas atividades extra- sala e no reforço da aprendizagem e incentivo aos alunos.

Assim, conforme informações por nós coletadas junto a diretora, da “Escola do Matadouro” os alunos que evadiram da escola em 2017, possuem idade média de 16 (dezesseis) anos, encontravam-se entre a 6^a e 7^a série e apresentaram como razões principais:

- a) Evasão escolar para que pudesse ter tempo de participar de competições de vaquejada e cuidar de gado, o que é muito comum na região;
- b) Evasão escolar por falta de uma estrutura familiar sólida, que auxiliasse nos estudos, na compra do material escolar;

c) Evasão escolar para ficar em casa ajudando a mãe no trabalho doméstico.

Nos dois últimos casos, a falta de tempo e de incentivo da família contribuíram sobremaneira, para que os jovens não mais retornassem à escola.

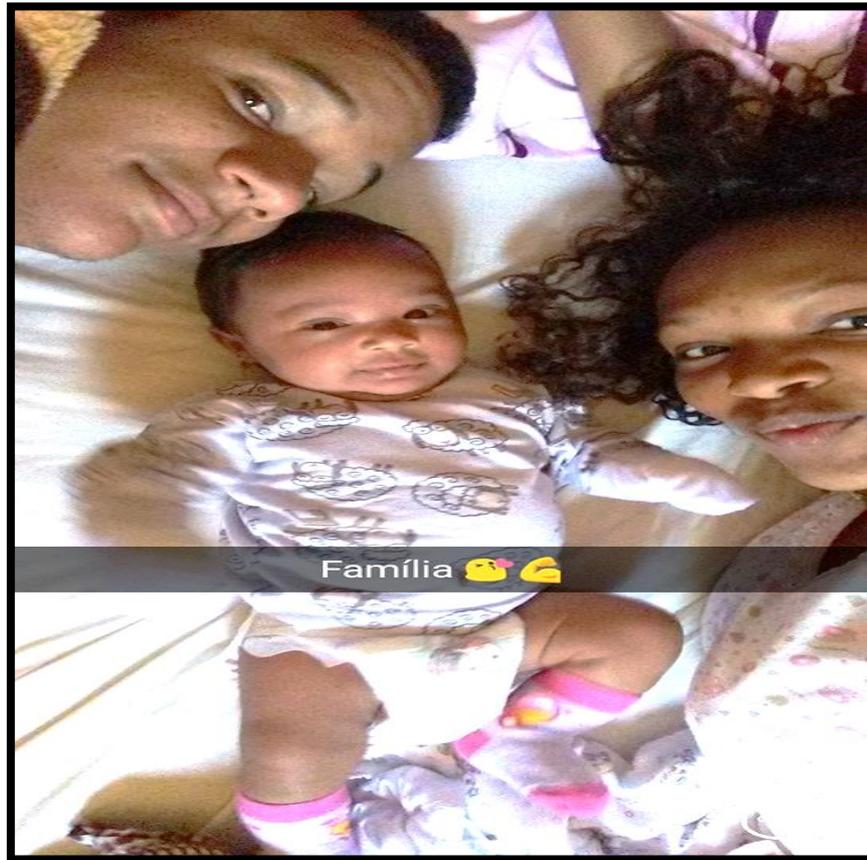
3.2. Experiências de vidas escolares no Matadouro

Dentre os alunos que evadiram da escola do Matadouro e nos foram relacionados pela diretora Sandra Rafael, conseguimos entrevistar dois, embora com caso de abandono escolar parecidos mas com realidades familiares bem diferentes: o Matheus Gomes de Sousa Veloso, 19 anos e aluno do 9º ano do ensino fundamental e Mariana Félix de Sousa Silva, de 17 anos e aluna também do 9º ano do ensino fundamental.

Na entrevista com o Matheus Gomes, fiz algumas perguntas sobre sua realidade familiar e os possíveis motivos de sua evasão tão cedo da escola. Em resposta a esse questionamento, afirmou que desde os últimos dois anos (2015 e 2016) o seu rendimento escolar diminuiu muito, o levando a repetir pela segunda vez o 9º ano. Matheus Gomes disse que começou a trabalhar no Matadouro Municipal muito cedo em atividades de menor esforço físico e de tempo, que era na limpeza e ajuda a recolher o gado, e nos últimos 2 anos, seu pai Messias de Sousa, também trabalhador no Matadouro, o encorajara a participar mais das atividades de matança de gado e também no sustento de casa.

No ano de 2016, Matheus conta que conheceu na escola a mãe de seu filho, a Fátima Sousa, já nas vésperas de abandonar os estudos ainda no 6º ano e 6 meses após dar início ao trabalho mais pesado no matadouro, Matheus conta que engravidou sua atual esposa e teve que passar a trabalhar mais efetivamente no matadouro e dando início ao processo de retrocesso escolar, alegando sempre chegar muito cansado e com sono na escola, uma vez que o mesmo estudava em período matutino e as atividades de matança de gado começavam entre 19:00 e se estendiam até a madrugada, o que prejudica muito o rendimento escolar de quem opta por conciliar as duas atividades, escola e trabalho.

Imagem 05: Matheus Gomes, esposa e filho



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado (2017).

Questionado sobre o acompanhamento escolar por parte dos pais, Matheus conta que este nunca foi muito presente e que a atitude de começar a trabalhar com gado foi vista com bons olhos e incentivo de seus pais tanto pelo fato de que os pais o viam como “homem de verdade” quanto pelo reforço na renda de sua casa, enquanto morava com seus pais, até engravidar sua atual esposa com quem divide uma casa na comunidade Aroeiras.

Na entrevista, Matheus ainda foi questionado sobre o desejo de voltar a escola e concluir pelo menos o ensino fundamental, o mesmo afirma que acha impossível de isto acontecer pois a única atividade que tem como profissão, é a lida com o gado no matadouro e esta sempre adentra na madrugada, o que o faz necessitar de descanso durante todo o dia para poder trabalhar a noite durante toda a semana e também, abandonar o trabalho para terminar seus estudos fica impossível pelo fato de ter que manter a sua casa, esposa e filhos.

O caso da Mariana Félix do Nascimento não é muito diferente da história do Matheus em relação ao principal motivo de abandono, que foi a gravidez na adolescência. Mariana de

apenas 17 anos, cursava também o 9º ano do ensino fundamental junto com Matheus, conheceu no ano de 2016 seu atual esposo, o Carlos André de 26 anos que também já havia abandonado os estudos ainda na 8ª série do ensino fundamental no ano de 2007, pelo motivo de ter que trabalhar como ajudante de marceneiro e por não enxergar possibilidade de ascensão nos estudos na época.

As histórias de Mariana e seu esposo refletem bem as causas de evasão escolar, por parte de Mariana o que se solidificou após sua gravidez ainda no ano de 2016 mas permaneceu na escola até maio de 2017 alegando não ter com quem deixar seu filho de poucos meses de nascido.

Imagem 06: Mariana Félix e sua filha



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada (2017).

A evasão de Mariana Félix após a gravidez confirma os dados de uma pesquisa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) realizado em 2014 onde afirma que apenas 2% das mães adolescentes dão sequência nos estudos. A pesquisa afirma ainda que a maior faixa de risco de abandono escolar é de jovens entre 15 e 17 anos de idade.

Quando Mariana Félix foi questionada sobre a base familiar e o incentivo aos estudos dentro de sua família, a mesma se emociona ao contar parte de sua história que apesar da pouca idade, é dura e triste. Mariana Félix conta que nunca teve a presença de seu pai dentro de casa, pois quando o mesmo engravidou sua mãe, Marilene Félix de Sousa, ainda adolescente, não assumiu relacionamento com sua mãe.

Quando iniciou a vida escolar, Mariana Félix passava poucos meses em um lugar fixo, pois sua mãe mudava constantemente de moradia entre os estados do Piauí e Tocantins, sendo este último o estado em que seus avós maternos moravam e assim, não conseguia acompanhar o calendário escolar efetivamente. Após 5 (cinco) anos de estudos defasados, passou a morar com sua vó Paterna, Francisca Maria que reside no bairro Aroeiras do Matadouro até hoje, então Mariana começa a estudar efetivamente na escola Antônio Marques.

Emocionada, Mariana Félix conta que o ano de 2015 foi um divisor de águas na sua vida pois, sua mãe Marilene Félix, havia se envolvido com drogas em Tocantins desde 2013 e conheceu um companheiro que já havia tentado até abusar dela 6 meses antes de vir morar com sua vó e ainda no ano de 2015, assassinou sua mãe e a esquartejou dentro de casa. Após receber a notícia do falecimento de sua mãe, Mariana conta que se sentiu totalmente desamparada por que, apesar dos cuidados de sua avó, tinha bom relacionamento com sua mãe até ela conhecer seu companheiro. E nesse tipo de existência a escola tinha pouca importância para ela. Era preciso sobreviver primeiro.

3.3. Sem família, sem escola

A história dos alunos citados se assemelha com a de uma maioria dos alunos que não tiveram suas reais condicionantes da evasão destacadas pelo fato de que todas esbarravam na estrutura familiar defasada ou mesmo inexistente. Percebe-se a desvalorização da escolarização por parte de seis famílias na fala da Diretora Sandra Rafael quando relatou na entrevista que boa parte dos pais sequer recebiam os boletins escolares de seus filhos desde início da vida escolar bem como pouco participam das atividades de reuniões para debater o rendimento e projetos escolares com os pais e professores.

Atrelado ao pouco incentivo e participação dos pais na vida escolar destes alunos, ainda tem o matadouro Municipal que atrai os jovens do sexo masculino muito cedo e os encoraja a ter seu próprio dinheiro com um trabalho fácil de início, o que encoraja os

rapazes a evadirem caso não possuam uma base familiar que e valoriza o ensino formal e enxerga neste uma possibilidade de mudança de vida. Compete falar ainda que as mulheres em idade escolar não estão totalmente desligadas das atividades no matadouro municipal na comunidade pois, as vísceras do gado abatido que é tratado e também utilizado para fabricação de gordura para a indústria de sabão, e esta atividade necessita de muita mão de obra e esta é reforçada com as adolescentes da comunidade no período noturno e diurno muitas das vezes.

O matadouro municipal Orcar Neiva Eulálio, vem a ser uma via de mão dupla para a comunidade pois uma vez que o mesmo ajuda a gerar empregos e renda para diversas famílias, incentiva a não permanência dos alunos em idade escolar e também polui as margens do Rio Guaribas que cercam a comunidade pois descarta os dejetos de sangue entre outros em sua maioria na rede de esgoto da comunidade que desagua no rio.

Conhecendo os motivos reais de abandono de cada aluno citado, podemos constatar que são índices de evasão de maioria dos brasileiros com a diferença das estruturas escolares que muitas vezes no campo é inferior as escolas de áreas urbanas tanto em estrutura quanto em capacitação e incentivo de permanência dos alunos na escola através de programas sociais.

Conclui-se que uma base familiar ainda é e sempre será o principal fator de permanência ou evasão escolar, uma vez que a ausência deste fator influencia diretamente no rendimento escolar do aluno, na assiduidade nas aulas, numa preocupação efetiva com o bom rendimento escolar, numa visão de ascensão pessoal e profissional que deve ser o real motivador de um bom rendimento e permanência escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui empreendido lançou um olhar especial a respeito da temática evasão escolar, assim, discutiu a evasão sob a perspectiva de fracasso do sistema educacional brasileiro, onde ainda é preciso muitas mudanças para que este venha se mostrar de qualidade para os alunos.

A evasão escolar pode ser ocasionada por vários motivos, por isso o estudo buscou por meio da pesquisa de campo averiguar quais os motivos que fazem com que o índice de evasão escolar na Comunidade Aroeiras do Matadouro seja bastante significativo. Nessa perspectiva, foi possível notar que com a existência na localidade de um matadouro, que até influenciou no nome do bairro, muitos jovens deixaram a escola para trabalhar com as atividades que adinham com o mesmo, até porque muitas famílias tinham a concepção de que era melhor os jovens trabalharem do que estudarem.

Através de narrativas foi possível perceber que na Comunidade de Aroeiras do Matadouro o ensino foi se desenvolvendo através atuação de mestres ambulantes, dos mestres-escolas, ou seja, de pessoas que andavam pelas casas ensinando a quem os pagasse, as crianças pequenas não estudavam, o ensino no geral era para a idade entre 12 e 17 anos, após o período dos mestres-escolas o ensino em Aroeiras do Matadouro passou a responsabilidade do governo, quando foi fundada a Escola Antônio Marques que era, quando de sua fundação, Estadual, em 2013 a escola passou a ser Municipal.

Diante da realidade da Comunidade Aroeiras do Matadouro olhou-se para a evasão escolar um problema enfrentado pela Comunidade e pela Escola Municipal Antônio Marques, de modo que se percebe que a cada dia é a maior o número de alunos que abandonam a escola e que os motivos são variados, todavia, é destaque o papel da família nessa conjuntura.

Notoriamente, a família é preponderante na educação das crianças, mas também existem problemas que se relacionam com o sistema educacional que não incentiva através de programas que os alunos estudem e que contribuam para sua permanência na escola. Certamente as histórias dos alunos que abandonaram a escola em Aroeiras do Matadouro refletem problemas que interferem na vida escolar dos alunos e fazem com que os mesmos desistam da escola, mas não são os únicos motivos.

Destarte, esse trabalho a respeito da evasão escolar no Bairro Aroeiras do Matadouro não esgota o assunto, apenas aponta para alguns dos problemas que fazem com que crianças e jovens deixem de aprender no âmbito escolar e abre espaço para discussão do problema da

evasão escolar na cidade de Picos, indicando a necessidade de novas pesquisas nessa área que possam enriquecer a temática.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Estudo mostra que 1,3 milhão de jovens de 15 a 17 anos abandonam escola.** 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-02/13-milhao-de-jovens-entre-15-e-17-anos-abandonam-escola-diz-estudo>. Acesso em: 16. Nov. 2017.

AUGUSTO, Maria Helena. Organização escolar seriada. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910).** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2016.** Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>> Acesso em 14 set. 2017.

_____. **O Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990.

CAMPOS, E, L, F.; Oliveira D. A. Infrequência dos alunos trabalhadores - em processo de alfabetização na Universidade Federal de Minas Gerais 2003

CARDOSO, T. F. L. As aulas régias no Brasil. In: STEPHANOU, M; BASTOS, M.H.C. **Histórias e memórias da educação no Brasil.** Petrópolis. Editora Vozes. 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e Fôrma Cívica: Higiênie, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação (1924 – 1931).** Bragança Paulista: EDUSF, 1998. 506 p

FARIA, Ernesto Martins . **Reprovar é dizer ao aluno que ele não precisa concluir o Ensino Médio.** Disponível em: www.novaescola.org.br. Acesso em 12 out. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

G1. **Evasão escolar no ensino médio alcança 11% do total de alunos, apontam dados do Censo.** 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/abandono-no-ensino-medio-alcanca-11-do-total-de-alunos-apontam-dados-do-censo-escolar.ghtml>. Acesso em: 16. Nov. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MENEZES, Maria Cristina. **Raízes do ensino brasileiro**: a herança clássico-medieval. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1999.

PATTO, M.H.S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo. T. A. Queiroz, 1996.

PAULA, Fernando Silva; TFOUNI, Leda Verdiani. A persistência do fracasso escolar: desigualdade e ideologia. **Rev. bras. orientac. prof.**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 117-127, dez. 2009. Disponível em psic.bvsalud.org/scielo. Acessos em 12 out. 2017.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. São Paulo: Moraes, 1981.

RIFFEL, S. M.; MALACARNE, V. **Evasão escolar no ensino médio**: o caso do Colégio Estadual Santo Agostinho no município de Palotina, PR, 2010.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, São Paulo. Autores Associados. 2007.

SHIROMA, E.O; MORAES, M. C.M de; EVANGELISTA, O. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 2ª edição.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Jailson Francisco dos Santos
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Escorção Escalar na Zona Rural do Alcatraz

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 08 de Setembro de 2019

Jailson Francisco dos Santos
Assinatura

Assinatura